

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros.....	25000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	12500 "
Trimestre ou 13 ".....	7000 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I—27 DE NOVEMBRO DE 1881—N.º 41—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	37500 "
Trimestre ou 13 ".....	25000 "
Avulso.....	2000 "

SUMARIO

GRAVURAS:—Um canto do parque de Gartilitza; Ainda chove?; Os orphãos na chameca; As respigadeiras.
 TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Rosicler, por E. A.; Domingo historico, por A. O.; Portugal velho, por Delfim de Almeida; Horas d'ocio; Sobrezeza; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Recordas-te d'uma noite em D. Maria, ha seis ou sete mezes, em que no palco deserto se viu entrar um homem de estatura elevada, cabeça enterrada entre os hombros, rosto imberbe e com um aspecto quasi feroz, olhos strabicos e longa cabelleira crespa

Lembras-te do que se passou depois? Lembras-te que vozes estranhas se ouviram no theatro, exhaladas de peitos invisiveis, umas, rugindo como os condemnados no inferno, outras, soltando brados de colera marcial, outras suspirando como o vento suspira nas campanulas dos moinhos, em tarde outomnal e perfumada? Lembras-te d'aquellas walsas

clone da *fantasia*, e pouco a pouco, n'uma graduação que a palavra escripta só encontrou uma vez em quatro versos do *Eviradnus*, de Victor Hugo, esse tropel se affasta, as patas dos cavallos soam menos e menos forte, o rumor da desfilada vae-se apagando como um clarão que expira, e afinal, á sonoridade o silencio succede, sem que o ouvido mais attento



UM CANTO DO PARQUE DE GARTILITZA.

e densa como uma juba?... Esse homem, depois de se ter curvado ligeiramente em frente da multidão que o contemplava, fascinada já pelo seu aspecto quasi hoffmanico, sentou-se em frente d'um piano e pousou as suas mãos enormes, ossudas, sob o teclado indifferente...

maravilhosas de Chopin, cujas notas gottejavam no espaço como um orvalho sonoro, tombando sobre uma lamina vibrante de crystal? Lembras-te d'uma gloriosa marcha das *Ruinas de Athenas*, de Beethowen em que se sente ao principio todo o tropel do galope dos esquadrões mussulmanos, lançados quasi no cy-

possa designar o momento preciso em que vibra a derradeira nota?

Nunca experimentei impressão comparavel a d'essa noite, nem mesmo quando Sarazate hordava no seu Stradvarius a *dentelle* finissima dos nocturnos de Chopin! Nunca mais se me apagou da memoria

a figura d'aquelle homem singular, e se fechar os olhos ainda o vejo, com os cabellos revoltos a açoutarem-lhe a cada passo o rosto, as suas grossas mãos, que abrangiam doze teclas, dansando sobre o marfim do piano uma walsa macabra e phantastica, ou ainda, no meio das tempestades de applausos, curvando-se, todo de uma peça, como se a sua columna vertebral fosse feita de bronze inteiriço, — e impassível, com um vago desdém nos lábios...

Ora é preciso dizer-te, meu caro, que a impressão que eu recebi foi tanto mais forte quanto eu tinha pelo piano um odio feroz, odio de escola, o mais rancoroso de todos os odios. O piano suggeria-me, todas as vezes que pensava n'elle, scenas terribes que presenciara na minha infancia e em que homens pallidos, de cabellos solta ao vento, a mão metida na sobre-casaca, a outra mão no espágo, trau-teavam endechas de metro longo, com accento na quarta e na oitava, enquanto no instrumento chouteava a compasso uma walsa lazarenta... Ou se não eram esses homens lividos, eram meninas de cuia, que ao som de *Niedermayer* ou de *Campana*, me guinchavam aos ouvidos as delicias d'aquelle certo passeio no lago, *un jour t'en souviens-tu?* ou as odiosas phrases *Ei non m'ama più, Io t'amo ancor, perche non m'ami* e toda a conjugação do verbo amar em italiano, que costuma servir de assumpto para a inspiração dos *maestrini* sentimentaes?

Uma notabilissima virtuose que eu ouvi ha tempo começou a minha reconciliação com o odiado instrumento. Lembro-me até de que no unico defeito d'essa senhora, isto é, no seu album, escrevi eu uns versos que não vem agora tão completamente fora de proposito como é costume em todas as citações.

Os versos eram assim:

Minha senhora, um dia um panico secreto
se apoderou de mim,
ao vel-a aproximar d'um bicho de pau preto,
com dentes de marfim!

Elle era assustador! Tinha guellas estranhas
e um aspecto feroz!
Se alguém lhe punha a mão, soltava das entranhas
uma tremenda voz.

Um sabio amigo meu (talento sobre humano!
zoologo notavel!)
classificára-o já com o nome de — piano
— fera indomesticavel!

dizendo-me porém que embora perigosa
em quanto embravecida,
não era ella ainda assim da especie temerosa
que tem cauda comprida.

Cheguei a receiar que aquelle pachiderme
a mordesse ou magoasse,
quando a vi tão gentil, tão indefesa e inermes
poisar-lhe a mão na face.

Mas qual, ó maravilha! o monstro, o bicho, a fera
começou a cantar,
como se no seu cráneo enorme se escondera
a alma de Mozart.

E eu que detestava a fera com violencia
e lhe fugia outr'ora...
— sinto que a hei de amar... mas se vossa excellencia
fôr sempre a domadora.

Depois d'isto a reconciliação caminhou a passos largos. Veio a Essipoff, com a sua fria physionomia moscovita mas com a sua extraordinaria correcção e agilidade, mas foi sobretudo Rubinstein o que virou do avesso a minha primitiva opinião.

Por desgraça no dia seguinte ao primeiro concerto, quando todo o publico da vespera ainda não tinha voltado a si do assombro que lhe causara aquella phenomenal execução, apparece de subito pregado na taboa da Havana o telegrama annunciando o primeiro resultado chimico-politico da dynamite applicada aos tyrannos. S. m. o Czar tinha ido pelos ares e a terrivel explosão do norte, depois de ter abalado o mundo, ainda como effeito secundario mas em todo o caso lastimoso, nos veio prejudicar a nós, simples burguezes occidentaes, privando-nos da delicia de ouvir uma outra vez o celebre compositor russo, que ao que parece occupava um alto cargo na corte imperial de S. Petersburgo e devia deitar lucto.

Nunca mandei ao diabo o nihilismo, o czar novo, o czarwitsch, e a corte e o imperio russo inteiro com tanta energia como n'aquella occasião. Grandissimos massadores! que tenho eu com o problema social da Russia, façam-me o favor de me dizer? Porque é que não me deixaram ouvir outra vez a *polaca* de Chopin?

Felizmente, ao que parece, o céu, que é philarmónico, e tem bom ouvido, compadeceu-se d'esta magua sincera d'um *diletante* e prepara-se para me enviar uma compensação na pessoa de mademoiselle Sophia Menter, que o sr. Amann, o conhecido Barnum viennense, escripturou para dar uns concertos em D. Maria.

Tenho diante de mim um numero especial da *Cronica de la musica* consagrado á eminente artista.

Traz o seu retrato na primeira pagina mas se não fossem as opiniões unanimes de 10 ou 12 jornaes madrilenos que esse mesmo numero transcreve, eu, escaudado como fiquei com o caso da sr.^a Stella Bonheur, não me fiaria n'elle para te dizer que é uma mulher formosa. Mas enfim, sob a responsabilidade dos meus collegas de Madrid, dir-te-hei que a physionomia da grande artista é realmente gentil e que se a mão do desenhista não é excessivamente amavel, veremos em breve no palco de D. Maria os mais bellos cabellos e os mais bellos olhos d'este mundo.

A especialidade artistica de Sophia Menter é a interpretação de Beethoven. Dizem os artigos que tenho á vista que é inexcelsível. *El Debate* escreve o seguinte:

«Rubinstein, o grande Rubinstein, despojado de parte não muita, da sua força e trocada aquella fealdade sublime em correcta e classica belleza de mulher: — eis Sophia Menter.»

N'outro periodo, o *periodista* hespanhol chega a affirmar que em agilidade e correcção ella lhe é muito superior. Imagina pois, meu querido, o que será o primeiro concerto d'esse formoso Rubinstein feminino que o acaso nos envia.

Não era preciso mais nada para a reabilitação completa do tal desacreditado instrumento.

De mais a mais alem de toda a voluptuosidade infinita de ouvir a sublime musica de Chopin ou de Beethoven, não devemos nós tambem agradecer a esses artistas extraordinarios, a quem, na phrase orgulhosa de Liszt, Deus deu a voz do piano para elles dizerem o que pensam ao mundo, o destruirmos a velha lenda romantica que fazia d'um magnifico apparelho musical o symbolo d'um lyrismo piegas e com olheiras. Effectivamente, quem, depois de Rubinstein

ou de Sophia Menter, ousara tocar diante de vinte pessoas que sejam, a walsa dos *Dois Mundos* ou a phantasia obre motivos do *Trocador*? E sobretudo quem se atreverá n'uma casa respeitavel a obrigar aquelle instrumento a acompanhar a *Judia* ou qualquer outro documento d'esse conhecido estudo administrativo do actual sr. ministro do reino: — *As Portarias que passam*.

Espero em Deus que ninguém e não será essa a menor vantagem da vinda de Sophia Menter a Lisboa.

IBIEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM CANTO DO PARQUE SENHORIAL DE GASTILITZA — É uma vista do norte da Russia que apresentamos aos nossos leitores, e por ella poderão ver que a natureza tem n'aquelles paizes septemtrionaes mais encantos do que entre nós se imagina.

O dominio de Gastilitza, pertencente ao sr. Potemkine, antigo marechal da nobreza de S. Petersburgo, é, sem duvida alguma, um dos mais bellos d'estes paizes. É vastissimo e comprehende, além da aldeia e das terras que dependem directamente do castello, muitas outras aldeias importantes, Gorolva, Pitroni, Novei Déredni, etc., etc., que são como que os seus satellites. Sem fallarmos aqui, nem nos vastos canteiros, nem nas soberbas alamedas, nem nos admiraveis taboleiros de relva que rodeiam o castello, diremos que Gastilitza é celebre pela belleza dos seus horizontes, pela graciosidade encantadora das suas paisagens, pela riqueza das suas carvalheiras, pelas suas límpidas fontes e pelas suas aguas que por toda a parte brotam, e que desabam, aqui e além, em cascatas, formando, depois de um sinuoso percurso, pequenos lagos, capellas transparentes, emoldurados em bosques encantadores e em deliciosas collinas.

Accrescentemos que Gastilitza não fica senão a duas ou tres leguas de Péterhoff, residencia imperial construída á beira do golpho da Finlandia.

A nossa gravura representa, n'um canto do parque bastante afastado, um velho caminho que conduz a uma velha torre, elevada outr'ora na esperança de se ter d'alli vista do mar. Esse velho caminho, visto á luz do sol poente, podia fazer sonhar um artista ou um poeta.

Esta gravura é copia de um quadro do pintor francez Leon Le Pas, que residia muito tempo na Russia, e que foi com frequencia hospede dos donos d'este castello.

AINDA CHOVE? — Uma scena graciosissima, provavelmente copiada do natural. Estamos na Hollanda, aquella gentil camponesa de Frizia, vestida com o seu mais rico e extravagante fado nacional, porque devemos confessar que os trajos frisões são de uma originalidade extrema, aquella camponesa pois dirige-se para a cidade. Surprehende-a a chuva no caminho; pede hospedagem n'uma casa da estrada, pertencente a uma mulhersinha, obsequiosa, trabalhadeira, que recebe a sua formosa visitante como um raio de sol, que lhe entrasse de subito pela casa dentro. Afinal a chuva vai passando, mas a protagonista do quadro, desejosa de chegar intacta á cidade, sentindo umas gottas de agua, pára indecisa, «Chove ainda?» A boa da hospedeira já ahi vem correndo armada com um guarda-chuva enorme, mas não ha perigo; se o houvesse, não se arriscaria o gato a sair, levantando as patinhas para as não mo-

lhar com a chuva. É um verdadeiro gato hollandez, um gato de Rembrandt, um gato burgo-mestre. O raio de sol, esse dá um tom vivo á paisagem, tranquillisa a camponesa, e dá mais relevo ao quadro assignado por um mestre da escola neerlandeza, o sr. S. Eerelman.

Os ORPILHOS NA CHARNECA. — Ah! se nós víssemos no anno de graça de 1852, como nos seria facil descrever esta gravura.

«Aonde irão, diriamos nós, estas pobres crianças, percorrendo assim sósinhas as estradas, sem outro amparo que não seja a Providencia, e levando consigo tudo quanto possuem?

Linhas de pontinhos, e depois:

«Só Deus o sabe!!»

Este «só Deus o sabe!!» era de um effeito seguro. No final dos actos ainda hoje faz estoirar as palmas. «Só Deus o sabe... Deixai passar a justiça de Deus!... Miseravel, de joelhos!» Tudo isto são fíneas d'acto certissimos. No jornalismo está-se um pouco mais sceptico, e os nossos leitores, se nós lhes dissessemos que só Deus sabe para onde vão as pequenas, riam-se a fartar.

«Vem caindo a noite, continuaríamos nós então, o pastor vai recolhendo o seu rebanho ao aprisco, no sino do mosteiro soam as horas de repouso, ellas só tem por tecto a abobada do céu, por leito as urzes da charneca.»

O sino do mosteiro! muito se abusou d'este sino, elle era á noite, ao chá, no piano da menina da casa, elle era nos terceiros actos do theatro quando o contra-regra fazia relampagos nos bastidores, e a ingenha dizia para o galan descendo por uma taboa que figurava rochedos tenebrosos: «Abandonam-me as forças! Alfredo, salva-me!» Elle era nas meditações em prosa com epigraphe de Herculanio! Elle era no romance para um final de capitulo. Elle era para as gravuras, elle era para tudo. Já deve estar rachado o sino, o bello sino do mosteiro.

Como já não podemos empregar essas bellas phrases, como não podemos recorrer nem ao sino do mosteiro, nem á cruz de minha mãe, nem ao «só Deus o sabe», confessemos que o quadro que apresentamos em gravura aos nossos leitores é de uma execução excellente, mas de uma concepção profunda mente rhetorica. O sr. Bauerle é seguramente um grande pintor, mas o seu ideal artistico é contemporaneo da saia batão.

AS RESPIGADEIRAS — Ha uma scena immortal na Biblia, que tornou para sempre encantador este episodio inevitavel das ceifas, o das mulheres que vão depois da ceifa colher as espigas que escaparam á foice: é a scena de Booz e Ruth, Booz, o bom velho de quem Victor Hugo diz, na esplendida traducção do sr. Fernando Leal:

Lembrava a sua barba um argentino arroio;
Dizia aos seus, se via uma respigadeira,
«Deixai cair adrede as espigas sem joio.»
Boaz fazia o bem de uma nobre maneira.

Nenhuma das respigadeiras do quadro, que a nossa gravura representa poderá, encontrar um Booz, a cujos pés se deite, como descreve ainda Victor Hugo na sua bella poesia:

Deitára-se-lhe ao pé, c'os seios nus e tumidos,
Ruth, mulher moabita, enquanto elle dormia,
Aguardando não sei que doces raios humidos,
Quando a luz da alvorada annunciasse o dia.

Booz dormia, e Ruth scismava alem na veiga
Os chocalhos dos bois tiniam vagamente;
Gotejava do céu uma bondade meiga;
Era quando os leões vão beber á nascente.

Booz fazia córo, a respirar dormindo,
Ao flebil murmurar das fontes sobre a relva;
Era no doce mez, em que o campo é mais lindo,
Em que ha lyrios no monte e musicas na selva.

Immovel, entre-abrindo os olhos, Ruth dizia:
Que deus, que segador das lucidas gavelas,
Por descuido, ao sahir da varzea, esqueceria
Aquelle foice de oiro, alli no chão de estrellas?

Esta excellente gravura teve assim a vantagem, para os leitores, de lhes fazer conhecer um formoso quadro, e de lhes fazer conhecer ou recordar tambem uns magnificos versos, magnificamente traduzidos.

ROSICLER

RIMAS

[à rima]

Mandas, Senhora, que uns versos
a teus pés deponha breve,
vou entre os astros dispersos
ver se o éstro m'os escreve,

ver se m'inspira este immenso
ardor que a minha alma accende
que se eleva como o incenso
que da terra se desprende...

Cantar teus encantos, fôra
mais que loucura, — ousadia,
que se atreve quem descora
com sombras a luz do dia.

As tuas graças, cantadas
tão sem arte, e sem carinho,
seriam rozas cortadas,
murchando longe do ninho.

Quero voar nos espaços,
entre os aereos fulgores,
onde as cadeias são laços,
onde as prizoas são amores.

Quero encontrar nas alturas
a aguia que vive nos ares,
poisar nas noites escuras
sobre a rama dos palmares,

ver as nuvens transparentes
formando em caprichos vários
uns montões d'ondas luzentes,
uns enormes dromedarios...

depois, chegar ás estrellas,
colher as que mais amares,
e vir matizar com ellas
o *parquet* sobre que andares;

pedir ao sol um dos raios
mais fúlgido, e mais brilhante,

que sem sombras, sem desmaios,
possa envolver-te constante;

trazer suaves arômas,
que ascendem entre os vapores,
perfumes das verdes comas
de mil vergeis, de mil flores...

ir á lua, adormecida
em somno pezado e velho,
trazel-a desprevenida
para servir-te de espelho;

d'um cometa á cabelleira
roubar os fios dourados
com que enlaces — feiteceira
teus cabellos entrançados;

e, se eu perceber ainda
mais além, outros tropheus,
quero trazer-te na vinda
inteiro o reino dos céus...

Sonhei, só sonhando, agora
volvo a uns sonhos que passei.
Desculpa-me pois, Senhora,
se tanto retrogradei.

E. A.

O DOMINGO HISTORICO

27 de novembro de 1807 — Embarque da familia real portugueza para o Brazil

Um dos periodos mais tristes e ao mesmo tempo mais vergonhosos da nossa historia patria, é, sem duvida, o que comprehende os ultimos annos do seculo passado e os primeiros d'aquelle em que vivemos.

Para dirigir a politica portugueza n'essa época tormentosa, seria necessario um governo habil, que empenhasse todas as suas forças para evitar quanto possivel que o nosso paiz fosse envolvido na procella que se ia desencadear sobre a Europa; mas, pelo contrario, a corte de Lisboa foi a que mais hostil se mostrou aos principios proclamados em França desejando preceder a todos na cruzada da realza contra a nova republica.

A Hespanha fez o favor de aceitar o nosso auxilio na campanha do Roussillon, mas, olhando-nos com o desprezo que merecíamos, quando tratou da paz, cuidou só de si, e a Inglaterra, que se valera da nossa esquadra, não quiz dar-nos a mais insignificante protecção contra os insultos dos corsarios francezes, e abandonou-nos completamente na guerra de 1801.

Quando depois do rompimento da paz d'Amiens começaram de novo as hostilidades entre a França e a Inglaterra, voltou o nosso governo a debater-se nas angustias da falsa posição em que se havia collocado, e quiz então negociar uma neutralidade impossivel e irrisoria que consistia em dar auxilio aos dois belligerantes.

Como era natural foi a França quem primeiro protestou, e facilmente encontrou um aliado na Hespanha, que ambicionava qualquer ensejo para conquistar esta sempre cubizada presa.

As continuas hesitações do principe regente e dos seus ministros, levaram por fim Napoleão I a concluir o tratado de Fontainebleau pelo qual dispunha a seu bello prazer da patria de Afonso Henriques e do mestre d'Aviz, e a formar um exercito, que ás ordens de

Junot, auxiliado por duas divisões hespanholas se encaminhou a marchas forçadas para a nossa fronteira.

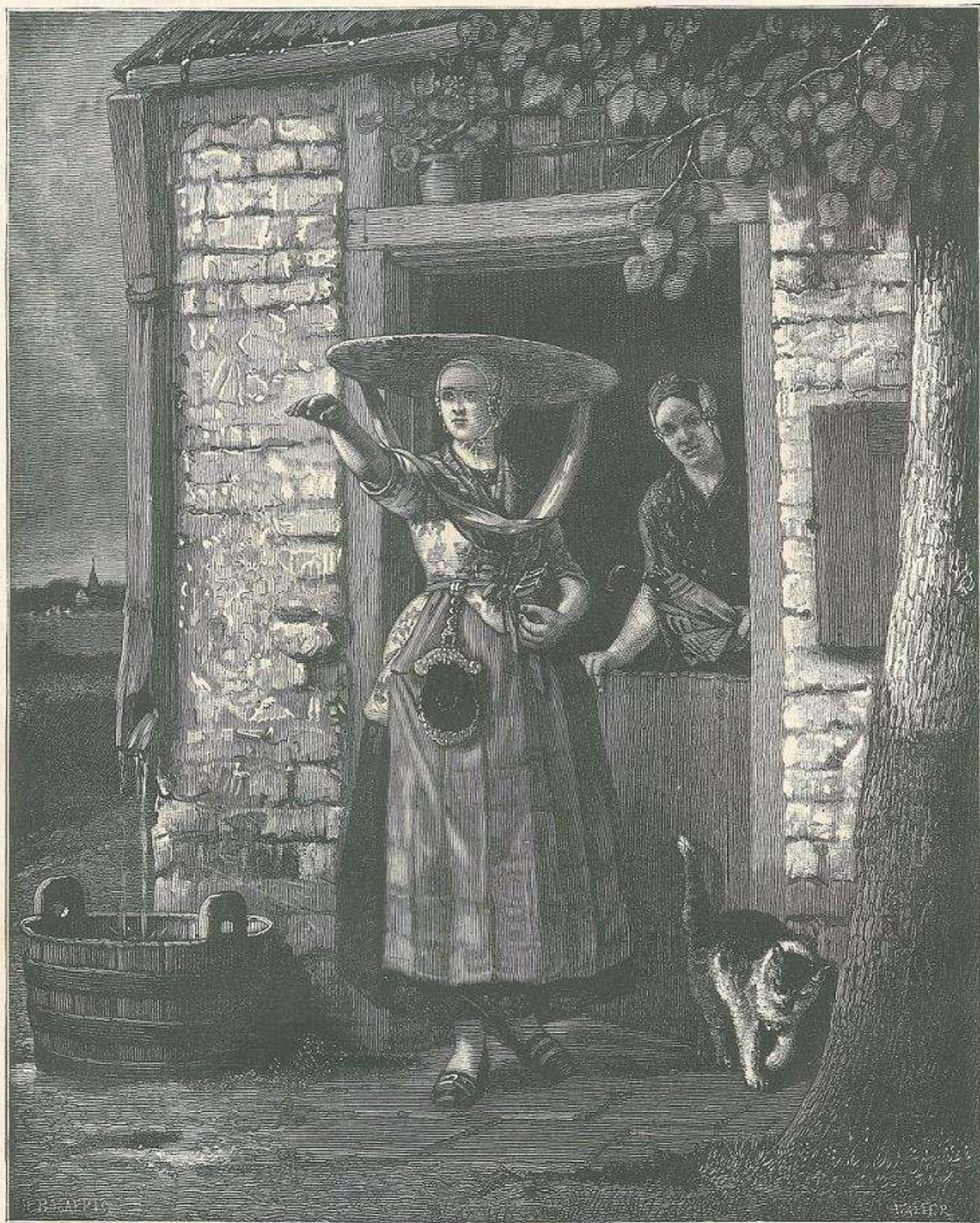
A noticia da Convenção de Fontainebleau encheu de terror e de espanto a corte de Lisboa; no animo do principe regente atropellavam-se mil resoluções,

ao povo que acolhesse como amigos os soldados de Napoleão, nomeou uma regencia e annunciou a intenção de transferir a residencia da corte para as terras de Santa Cruz.

A 27 de novembro de 1807, a familia real embarcou em Belem seguida de innumeraveis pessoas que

tugal, mas o povo resgatou todas as faltas do principe e mostrou com toda a evidencia, que a nação portugueza tinha força bastante para repellar os estrangeiros que a insultavam, e para intentar e manter a sua independencia.

A. O.



AINDA CHOVE?

os pareceres dos conselheiros divergiam profundamente, e no meio d'esta confusão immensa o embaixador inglez apresentou a ideia de se retirar a familia real para o Brazil. D. João hesitou, mas quando soube que Junot já pisava territorio portuguez, publicou uma proclamação em que ordenava

acompanharam os principes, e fugindo na occasião do perigo deixou o povo entregue a si proprio, na occasião em que os soldados de Junot estavam a poucas leguas da capital.

Esta fuga de D. João VI, é realmente uma das grandes nodoas que se encontram nos annaes de Por-

PORTUGAL VELHO

O LUXO

VI

No artigo antecedente offerecemos ao leitor alguns trechos de um mer encorio alferes do seculo XVI;

voltaremos a conversar com elle, para lhe arrancar o segredo dos costumes do seu tempo. No entanto, para distrahir, ouçamos um escriptor quasi seu contemporaneo, pois apenas o antecede uns vinte e tantos annos; é o muito conhecido Jorge Ferreira de Vasconcellos, auctor da comedia *Eufrosina*, da qual vamos tirar dois figurinos de mulher; incomple-

nada, tão de verão, que vos ride vós de mais serei a pintada.»

Em outro logar, o mesmo heroe, gabando-se de uma conquista, faz a narrativa nos seguintes termos:

«Entrando, achei a rapariga em armas ligeiras, vestida com um sayo alto de chamalote de seda azul,

despedida alguns favores, posto que o coração desmentia o que jurava.»

Não é boa rez este sujeito. Damo-nos melhor na companhia do sr. alferes Miranda, que na gravidade da sua linguagem e honestidade dos seus pensamentos, nem parece alferes.

Reprehende o nosso amigo um costume que havia



OS ORPHÃOS NA CHARNECA

tos ambos, mas que, ainda assim, nos dão curiosas informações sobre o traje feminino da epocha.

Dialogando dois personagens da comedia, referia um d'elles um encontro galante que tivera havia pouco, e descrevia d'este modo a *toilette* da sua namorada: «A rapariga estava bonita, como ouro, de sua vasquinha amarella quartapisada, em mangas de camisa, e seus cabellos atados com uma fita encar-

os cabellos ennastrados, e um barrete de grãa sobre elles; ella toda tremendo, e não de frio, antes de lhe querer fallar me dispendia, com uma mansidão que podera amansar um touro; começou a me fazer algumas arengas sobre sua fama e minha determinação; e querendo eu usar d'outra que trazia, me atalharam os rios de lagrimas com que me impediu o passo; emfim, a poder de juramentos, alcancei na

então, e o qual lançou tão fundas raizes, que ainda ha bem pouco tempo era usado na cidade invicta, senão com tanta frequencia, ao menos com a bastante para fazer notar-se como uma singularidade da terra. Queremo-nos referir ás *cadeirinhas*, como ainda ha bem poucos annos se dizia no Porto, ou simplesmente *cadeiras*, como se lhes chamava no seculo xvi, e nas quaes as senhoras preferiam fazer as suas vi-

sitas, aborrecidas do monotono balanço das liteiras, e mais ainda dos solavancos dos coches, que até então se usavam. Não desapareceram estes completamente da scena, como as liteiras; pelo contrario, aperfeiçoando-se successivamente, chegaram a supplantar os outros meios de transporte; mas n'aquelle tempo tinham as cadeiras o uso que indicamos, e os coches só se empregavam no serviço dos homens ou em viagens. Em todas as casas da nobreza, e nas mais abastadas da burguezia, havia aquelles trastes de luxo, cujo preço podia ser superior a cincoenta mil réis, quando em vez de um simples ferro de damasco havia o capricho de lh'o pôr de tella ou bordado. As pessoas principaes tinham os seus creados para conduzirem as cadeiras; mas as menos abastadas serviam-se de carregadores alugados, custando-lhes essa extravagancia para cima de vinte e dois mil réis annualmente.

Isto de creados, lacaios, escudeiros, mordomos, reposteiros, ajudas de camara, etc., era uma das grandes pedras de escandalo do sr. Miranda, que se indignava da pompa com que a gente da nobreza, tanto homens como senhoras, se apresentavam em publico, seguidos de numerosa creadagem. Moda do tempo: acontecia o mesmo, que nós sabemos, na Hespanha, na França, na Inglaterra, na Italia, e provavelmente ainda n'outros paizes. Moda dispendiosa, porque, além do alimento e soldadas, ainda havia mais a achega das librés, ginetes, mullas e «outras cousas d'estoque», como se exprime o sr. Miranda, lamentando que por similhantes desperdícios se empenhassem os morgados e arrendassem as commendas. Coisa muito differente, diz elle, do que se praticava no tempo do rei D. Sebastião, o qual tinha apenas dois coches; um que lhe deu sua mãe, e outro D. Filipe II de Hespanha: aos nobres não era dado similhante luxo; contentavam-se com um ou dois cavallos, que andavam em morgado.

Assim seria; mas o que nós sabemos é que já n'esse tempo as despesas do luxo, especialmente no adorno pessoal, embaraçavam seriamente as finanças da nobreza, sendo o proprio rei a dar o exemplo. Se n'esse tempo o bom burguez trajava o seu «pelote e ferregoulo de dozeno, chapéu de lã preta, no pescoço uma pequena volta, e calçava botas de bom cordovão, que duravam tres annos», não acontecia o mesmo nas classes elevadas, ás quaes, mesmo por lei, era permitido o uso de sedas, veludos e arminhos.

Fallando verdade, o nosso Martins de Miranda exagera um pouco as suas criticas, como quasi sempre acontece aos censores de costumes. Uns, animados pela paixão do progresso, ás vezes pouco esclarecida, acham detestavel tudo o que se não conformar como um certo ideal do seu espirito, e que nem é bem definido. Outros, pelo contrario, conservadores ferrenhos, abominam tudo o que fôr novidade e só acham bom o que já passou.

Do que nos refere, com grandes indignações, o nosso bom Miranda, depreendendo-se que se dava então exactamente o mesmo que hoje se observa, e que é o facto mais característico do desenvolvimento da civilização: um nivelamento que se vae operando muito lentamente, mas que se manifesta em tudo, na educação, na riqueza, nos habitos e ate no modo de trajar. Ainda estamos muitissimo longe do nivelamento completo, mas... lá iremos. Já hoje a differença é incomparavelmente menor do que em 1622, epocha em que o nosso alferes manejava a penna com mais desembaraço do que a espada, lamentando que no modo de vestir não houvesse differença entre a sapateira e a rondessa.

HORAS DE OCIO

Embrulhada lexicologica

Com 1 ferramenta, 2 fructas, 1 lago, 1 pronome, 1 pouco de combustivel, 1 porção de lã, 1 imperador romano, 1 jogo, a 3.ª pessoa d'um verbo, 1 effeito de doença, 1 rio, 1 sentimento, 1 utensilio de cosinha, 1 adjectivo que é historiador latino, e 1 bebida, construir um telegramma, em que um individuo, informando-se da saude d'outro, o informa do estado da mulher que ficou enferma. Declara-se que na substantivo, que se converte em verbo, tem uma consoante dobrada, que rigorosamente o verbo não tem.

FRANCISCO A. NUNES POUSÃO.

Pergunta indiscreta

Qual é o rio que termina junto de uma arvore?

MORPHIEU.

Palavras quadradas

A . O . E
E . O .
O . A .
O A A
E . A .

Completar com as consoantes.

J. C.

Soluções dos problemas do n.º 39

Logogripho. — Pechincha.

Pergunta indiscreta. — Penaverde.

Embrulhada litterario fluvial. — Julio Diniz.

Quadro magico:

27	33	40	38
35	41	30	32
34	28	39	37
42	36	29	31

Soluções certas

Logogripho. — Vasco (Coimbra), B. M. (Vianna do Castello), Carmelita, Carmo e Sousa.

Pergunta indiscreta. — Nadège (Coimbra), Edipo, os Pipelets.

Embrulhada litterario fluvial. — Carmelita, Nadège (Coimbra), Teniers (Santarem), Monge de Osseira (Pitões de Júnias), Vichni, Joaquim Ricardo dos Reis Pereira (Cad. val), A. G. de Oliveira Santos, Manoel Paulino de Oliveira (Porto), Alvaro Ferreira de Guimarães (Povo de Lanhoso), os Pipelets, H. (Alafões).

Quadro magico. — Vasco (Coimbra), Dois Estouvados, B. M. (Vianna do Castello), X. (Curador dos orphãos), Manoel Paulino de Oliveira (Porto), os Pipelets S. A. Oliveira (Moncorvo), Alvaro Ferreira Guimarães (Povo de Lanhoso).

Soluções que nos chegaram atrazadas

Enigma anagramma. — Manoel Antonio Coelho Zilhão.

Embrulhada lexicologica. — Manoel Antonio Coelho Zilhão.

Nota. — Ainda d'esta vez adiamos a solução do problema de dominó do nosso n.º 38. Effectivamente só temos uma solução certa, que nos foi enviada por Teniers (Santarem). Fazemos uma ultima tentativa para não apparecermos com tão pequena companhia. Mas será este o ultimo e irrevogavel adiamento.

A solução apparecerá no nosso n.º 42. Preparem-se até lá os jogadores de dominó.

SOBREMEZA

Um homem que vendeu o nariz.

Na noite de S. Martinho estavam sentados em roda de uma meza, carregada de garrafas, n'uma loja de vinhos em Saint-Ouen, seis valentes convivas, um dos quaes possuía um nariz digno com certeza do conhecido epigramma de Bocage, e era por isso objecto de continuados motejos dos companheiros.

Chegou o momento de pagar, e o proprietario do nariz descommunal achou exaggerada a conta.

Levantou-se polemica, e um conviva, já fortemente alcoolizado assim como todos os outros, propoz pagar a parte do dissidente, comtanto que este lhe cedesse o nariz.

— O meu nariz! gritou o outro; para que o quer?

— Para apagador.

— Aceito, comtanto que espere pela paga até depois de eu ter morrido.

Concluiu-se o negocio.

Preparavam-se todos para sair da loja, quando se ouviu um grito terrivel.

Era o que pagara que com uma tenaz em braza, marcara o nariz do outro, e que dizia com a maior naturalidade.

— Comprei-lhe o nariz, e paguei-lh'o. Logo é meu e muito meu, e, para que m'o não trocassem, depois de morta a outra parte contractante, marquei-o.

O outro teve que contentar-se com a explicação, e, soffrendo a dôr da queimadura, dizia com os seus botões:

— Aqui estou eu agora com um nariz que não é meu.

Uma boda de gatas.

A scena passou-se ha dias n'um dos mais excéntricos restaurants de Paris, onde se celebrava um jantar de umas nupcias burguezas. Para o fim do banquete, um dos convivas, um hortelão de Argenteuil, a quem as repetidas libações despertaram os mais risonhos ideaes, lembrou-se de ressuscitar uma antiga usança que a moda destronou.

Deixou-se escorregar para debaixo da meza e foi de joelhos tirar a liga á noiva.

Esta, inteiramente desprevenida, julgou-se victima de uma aggressão menos justificada, e soltou gritos estridentes e repetidos, pois o hortelão, com uma tenacidade digna de melhor sorte, não largava a liga, cujo elastico resistia violentamente aos seus esforços.

O noivo, julgando que era algum gato ou algum cão indiscreto, metteu-se immediatamente debaixo da meza, armado de um garfo, e luctou durante um bom quarto de hora, corpo a corpo, com o hortelão, que nem á mão de Deus Padre queria deixar a liga.

Imagine-se o effeito que este imprevisto incidente causou no meio do festim.

Os convidados abandonaram os seus lugares, pozem-se todos de gatas debaixo da meza, tentando separar os combatentes, gritando a bom grito. Um policia, mandado chamar a toda a pressa pela dona da casa de pasto, e caíndo como que por encanto no meio d'aquella boda, que passára toda para debaixo da meza, teve que se pôr também de gatas como todos os convidados, para reclamar silencio e tomar conhecimento do occorrido.

A ordem restabeleceu-se finalmente, os adversarios reconciliaram-se, abraçaram-se depois das devidas explicações, o policia retirou-se em paz, o banquete continuou, e o unico vestigio que ficou do incidente foi o vivo carmezim que durante toda a noite cobriu as faces da noiva.

Um excellente e honrado homem, que não tinha grandes meios de fortuna, passeiando ha dias no mercado de Paris, viu um pedaço de salmão que lhe despertou o appetite.

— Quanto custa? perguntou elle á vendedeira.

— Quarenta soldos, respondeu a mulher.

O bom do homem esteve vac não vac a comprar o salmão, mas n'este momento, acerrou-se d'elle um pobre pedindo esmola.

— E ir eu gastar quarenta soldos n'um appetite! diz elle, olhando para o mendigo, e dá-lhe os quarenta soldos, que destinára por instantes á gulodice.

Mas, oh! surpresa! o mendigo vac direito ao lugar onde se vendia o salmão e compra a tal posta com os quarenta soldos que lhe dera o seu bemfeitor.

Nas ultimas eleições parisienses, um candidato, conhecido pela rapidez com que muda de opiniões, apresentou-se n'uma reunião eleitoral de intransigentes, subiu á tribuna, tirou da algibeira um masso de papeis, e começou a ler commovido:

— Os sinistros bandidos da Communa, que se escondem com a mascara republicana, mascara que não inspira grande confiança...

Apupos, gritos de «fôra! fôra!» echoam por toda a sala.

O orador reparou então que se tinha enganado, e que estava lendo uma proclamação que fizera dias antes para outro circulo eleitoral. Não se desnordeou porém, leu-a até ao fim, e accrescentou ao terminal-a, no meio de um tumulto infernal:

— Eis aqui o que nos dizem, senhores, certos infames que me abstenho de nomear.

Depois leu a outra profissão de fé, a que fôra feita para os eleitores de que se tratava.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tisset e Constant Amérol

(Continuado de pag. 320)

XXIV

Até quando estava acordado tinha sonhos de gastronomo. Sobrio durante toda a sua vida, affigurava-se-lhe agora que os blocos de neve se cobriam de uma toalha branca, sobre a qual campeavam abundantes, por entre a alegria dos banquetes, iguarias saborosas e exquisitas, preparações succulentas, vindas de todos os pontos do globo; e, sem poder subtrahir-se a tamanha tortura, Yermac renovava assim o terrivel supplicio de Tantalos.

Outras vezes o espirito desviado transportava-o

a festins cannibales, em que se devoravam carnes humanas.

E quando quebrado, mas indomavel, sem pezar de se haver exposto a morrer de inanição, lançava um olhar triste para aquellas inhospitas solidões, a fome, terrivel personificação, identificando-se com elle, parecia-lhe ser o unico hospede d'aquellas paragens.

Yegor tinha-lhe restituído a carabina; mas elle nem sabia o que tinha sido feito das munições durante a rapida viagem em trenó. Seria humilhar-se muito pedir aos companheiros que lhe dessem outras munições? Apesar d'isso tomou a resolução de o fazer. Era preciso. Sem esse meio, Yermac percebia que não podia continuar a viver.

E comtudo queria prolongar a existencia; queria, quando as nartas regressassem ao acampamento, continuar as negociações entabuladas, proseguir no intento de seduzir o yakute Chort para fugir com elle, intento que estivera quasi a conseguir. Se lhe fosse possivel fugir, perfeitamente quite, como agora se reputava, para com Yegor Semenoff e os seus, o partido era igual! O inverno estava em principio; Nijni-Kolinsk, isto é, a força dada á lei, não ficava tão longe como isso! Que lhe importava soffrer, se por fim puzesse em execução a sua tentativa, ardua sem duvida, até perigosa, mas por isso mesmo digna de servir de exemplo aos que se deixam captular por consciencia?

No dia seguinte — era forçoso que elle se apressasse porque a lua brevemente abandonaria as noutes á sua obscuridade, semelhante á dos dias — Yegor e o sr. Lafleur lobrigaram-n'o ao longe, arrastando-se com difficuldade, prompto a aventurar-se a maiores distancias. Singular aspecto de caçador, caminhando encostado ao cano da espingarda, escorregando sobre a neve, e tão magro no meio dos seus abafos e pelles, tão arqueado, que bem se poderia tomar por uma allegoria macabra!

Foi para lêste, na direcção do cabo Chelagsk, através de monticulos terrosos, precipicios e barrancos gelados, e teve a felicidade de encontrar duas rennas pertencentes á especie particular, que habita as margens do mar glacial, e não se retira no inverno para os bosques. Fez pontaria a uma d'ellas, diisparou e matou-a.

XXV

Recuperou então toda a sua confiança. O difficil porém era conduzir o animal para o acampamento. Cheio de ardor, orgulhoso de si mesmo, gregou na renna pelos paus, e teve força para arrastá-la até á cabana. Tinha finalmente o que comer durante muitos dias...

O chefe de policia reanimou-se a olhos vistos. Tomou novamente a sua postura de observador malevolo, vivendo o menos possivel entre os fugitivos. Apesar do frio ficava fora, voltando para dormir quando todos já roncavam, e de manhã cedo era o primeiro que sahia da cabana.

Uma vez Yegor teve a certeza de que elle não recolhera na vespera, e teve com isso grande contrariedade e inquietação: era provavel que tivesse acontecido alguma desgraça ao seu atormentador. Sahio cedissimo á procura de Yermac tomando a direcção do mar, ao passo que o senhor Lafleur encasrregara-se de caminhar para o lado dos laços, que o chefe de policia tinha armado na tundra visinha.

Yegor andava devagar, com preceção, n'uma obscuridade um pouco dissipada pelo brilho sciintillante das estrellas. Punha-se á escuta. Um silencio sepulchral, apenas quebrado por longos gemidos do vento, entretencia-lhe o coração.

De repente, contornando um enorme bloco de neve, descobrio Yermac enterrado n'um buraco até á cintura no meio do gelo recentemente cabido. O chefe de policia, com os cotovelos muito apartados do corpo, sustentava-se sobre a neve, sem poder sahir de d'aquella situação. Esperava com ar tranquillo, resignado. Mas que podia elle esperar?

— Que faz ahí? gritou-lhe Yegor.

— Estou a ver de que lado vem a salvação ou a morte, respondeu Yermac. Cahi n'uma fenda do gelo...

— Bem, eu vou tirá-lo, disse Yegor; e estendeu-lhe o cano da espingarda.

Teve o maior trabalho do mundo para tirar o chefe de policia, cujo corpo se tinha incrustado no gelo como n'um estojo ou n'uma bainha.

— E' ainda ao sr. Semenoff que devo a minha vida, murmurou Yermac; tudo conspira contra mim. Eis-me outra vez seu deverdor!

— Porque lhe custa tanto a contrahir semelhante divida? observou Yegor.

Yermac não respondeu.

Puzeram-se silenciosamente a caminho para a cabana, onde o sr. Lafleur entrou momentos depois.

— Hoje é o dia dos acontecimentos! exclamou Yegor vendo este ultimo. Sr. Lafleur, olhe que tem o nariz gelado.

Ouvindo estas palavras, Ladislau correu para ir buscar neve, e, passado um minuto, o sr. Lafleur mais pallido do que o nariz, esfregava a sua cartilagem para restituir-lhe o calor e a vida. D'esta forma aqueceu-se, deu um assopro, deixou-se cahir em cima d'um estrado tosco, e disse em ar de observação:

— Parece-me que ha de ser muito comprido este maldito inverno polar!

— Meu caro parisiense, respondeu-lhe Yegor, o inverno está apenas no começo; mas tenha paciencia, no dia 28 de dezembro torna apparecer o sol. O frio é que não diminue — longe d'isso! Quanto a mim, basta-me que a sua amizade não esfrie.

— A minha amizade? Tenha a certeza de que é cada vez mais sincera e arraigada, meu caro Yegor. Desculpe-me um momento de impaciencia. Ninguém vê gelar-se-lhe o nariz sem experimentar uma sensação muito natural.

XXVI

Depois de Yermac ter comido um bom pedaço de renna — elle offereceu alguns bocados aos companheiros, recebendo de todos a mesma recusa que dera aos seus offerecimentos — empregou parte do animal como isca para os laços. Graças a este engodo de um cheiro convidativo, conseguiu apanhar tres bellos texugos, tendo cada um de oitenta centímetros a um metro, cuja carne aproveitou optimamente. A preciosa pelle do animal foi posta de parte com o maior cuidado; Yermac, com o seu plano de fugir, só cuidava em munir-se de recursos para a viagem; ora, as pelles do texugo tem grande valor entre os indigenas do norte da Siberia.

Os yakutes tardavam em voltar com as nartas carregadas de viveres, e já principiavam a escassear as provisões. Os fugitivos sentiram por sua vez os incommodos da fome. Feriram-se então entre elles combates mui tocantes de generosidade. O sr. Lafleur pretendia que o frio exercia sobre o seu organismo uma acção contraria á que ordinariamente produz, e que o «fartava»; insistia portanto para que Nadege e Yegor tivessem melhores quinhões. Ladislau procurava persuadir a sua irmã adoptiva de que

já tinha comido de mais, e com uma verdadeira abnegação obrigava-a a aproveitar-se dos alimentos, de que elle se privava.

Yermac, muito surprehendido por ver os fugitivos reduzidos aos extremos, que acabava de atravessar, estudava curiosamente a expressão de soffrimento das suas physionomias. Quanto mais iam enfraquecendo — em quanto elle readquiria força e coragem — mais eguaes se tornavam as circumstancias entre um e outros. Seria completo o seu contentamento se elle não temesse os companheiros no negocio dos dois guias.

Os fugitivos buscavam explicar a demora dos yakutes e poupavam os viveres. Yermac porém preocupava-se unicamente com a prolongada ausencia de Chort. Lastimava ter fallado de mais com o camara-

ziam ouvir constantemente lugubres queixas e lamentos. Os cães siberianos tem por costume uivar quatro vezes durante o dia; estes porém uivavam agora todo o dia e toda a noite.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

Alberto Tristão — Magoou-nos profundamente a sua carta, por isso mesmo que era extremamente urbana e cordial. Damos-lhe a nossa palavra de honra que nem por sombras pensámos em applicar-lhe o ultimo periodo da correspondencia anterior. Era uma generalidade humoristica, uma carapuça que se ia encaixar nas orelhas competentes, mas que de forma nenhuma

Os teus cabellos d'ouro, meu tormento,
Cahid-s para traz em desalinho;
As faces roxeadas pelo vinho,
E os labios mais vermelhos que um pimento!
O teu vestido branco similhava
O ceu, onde rebrilham mil estrellas;
Mas estas no vestido eram mais bellas
—Eram góttas do vinho que pingava!

Elips—Lá saíram, como verás, as suas *Rimas á viola*. Já vê que não somos tão severos como imaginou. Tomámos a liberdade de fazer alguns côrtes — pequenissimos — e haveria algumas impropriedades e alguns prosaismos, que também cortariamos se os podessemos substituir sem alterar a poesia. Não ousámos fazer retoques mais profundos, mas como as *Rimas á viola* tenham quadras muito aaceitaveis, não quizemos de modo algum fechar-lhe a porta.



AS RESPIGADEIRAS

da de Tekel acerca das pessoas, a quem serviam.

Dar-se-hia o caso de que, receiosos de se comprometterem, os dois guias não quizessem voltar? Se assim fosse, Yermac reputava a sua fuga de todo o ponto impossivel. E a continuação da viagem dos fugitivos não se tornaria tambem impossivel? Que poderiam elles fazer sem os seus trenós? sem os seus cães? sem viveres? nas margens desertas do mar Glacial? Ver-se-hiam obrigados a confessarem-se vencidos, incapazes de levar ao cabo a sua tentativa, felicissimos de poderem, graças á protecção do chefe de policia, voltar para Yakutsk.

Os fugitivos tiveram dentro de pouco tempo a necessidade imperiosa de disputarem as rações de Wab e dos dois cães siberianos, com que Yegor tinha ficado. Estes animaes, privados de alimentação, fa-

se podia applicar a quem nos enviava uma carta perfeitamente correcta, onde o mais que se podia notar seria a frivolidade da observação, e que ainda assim a forma humoristica da sua carta attenuava completamente. Relendo porém a correspondencia, não vemos como o sr. Alberto Tristão a podesse interpretar de um modo menos agradável para si. Entim, se não se convenceu então, convence-se agora?

Mario de Pontmercy — Este nosso correspondente, depois de nos enviar um *pastiche* do genero romantico, manda-nos agora um *pastiche* do genero realista. É talvez mais bem feito ainda que o primeiro. Transcrevemos algumas estrophes para o demonstrar.

Bolos de bacalhau tinhas na meza,
Azeitonas e queijo e tres fanecas;
De vinho já vasiás seis canecas,
E figos de comadre á sobremeza.

X [curador dos orphãos] — Não, agora tenha paciencia, appelle, se quizer. Para que se fizeram as Relações? O juiz de primeira instancia foi o sr. H. Grichard, que, se nos não enganamos, é do Porto. Pois no Porto lá está o tribunal competente para decidir o caso. Nós não fizemos senão publicar a sentença.

Z — Sabe o motivo das faltas de que se queixa? E' o mandar-nos, embrulhadas com os problemas novos que nos faz a honra de nos enviar, as soluções dos problemas antigos. E' claro que o nosso empregado tinha obrigação de discriminar com toda a cautella umas coisas das outras, mas enfim é esta a attenuante que elle invoca. Bem pôde imaginar que não suprimimos voluntariamente o nome de um dos nossos mais constantes, e mais predilectos collaboradores n'esta secção das *Horas de Ocio*.